

# ENTRAMOS EM UMA NOVA GUERRA FRIA?

*Entramos em uma nova Guerra Fria? Esta análise explora as dinâmicas entre EUA, China e Rússia, e aprofunda-se no conflito na Ucrânia; com perspectivas sombrias sobre negociações de paz e críticas às estratégias ocidentais, a avaliação do coronel Camilli prevê um futuro desafiador e questiona os verdadeiros vencedores e perdedores.*

**Gabriel Camilli\***



*Imagen meramente ilustrativa, gerada por inteligência artificial.*

**P**ara responder a essa pergunta, recorremos ao Professor John Mearsheimer, que afirma: “Acredito que entramos em uma nova Guerra Fria. Penso que estamos em um sistema multipolar e que os Estados Unidos, a China e a Rússia são as três grandes potências. Os Estados Unidos certamente estão em uma guerra fria com a China. O que exatamente quero dizer com isso? Penso que, como a China é tão poderosa e ameaça dominar o Leste Asiático, e como os Estados Unidos quase certamente farão todo o possível para impedi-la, existe, axiomaticamente, uma intensa competição de segurança. Para mim, uma intensa competição de segurança é uma guerra fria, e eu a distingo de uma ‘guerra quente’. Uma guerra quente ocorre quando dois países, como os Estados Unidos e a China, de fato se envolvem em combate; é isso que queremos evitar. Mas o fato é que estamos em uma guerra fria com os chineses, ou eles conosco. O objetivo do jogo é garantir que essa competição de segurança não se transforme em um conflito armado.”

Mearsheimer continua: “Agora, isso levanta a questão: e a Rússia? É evidente que, desde a mudança para a multipolaridade, os russos e os chineses têm sido aliados próximos contra os Estados Unidos. Isso se deve, em grande parte, à guerra na Ucrânia, que empurrou os russos

*para os braços dos chineses. O governo Biden estava envolvido em uma guerra fria tanto com os russos quanto com os chineses. O presidente Trump tentou mudar isso. Ele não quer uma competição de segurança intensa com a Rússia; na verdade, seu objetivo principal seria ter boas relações com eles e criar uma aliança ‘Rússia mais EUA’ direcionada contra a China. No entanto, ele não conseguiu atingir esse objetivo, e o resultado final é que os Estados Unidos permanecem, essencialmente, em uma guerra fria com ambos os países.’*

## OFENSIVA DE PRIMAVERA?

Quase quatro anos após a retomada das operações militares na Ucrânia, podemos inferir o que está acontecendo do lado russo. Parece haver uma intensificação da pressão sobre a infraestrutura e as redes elétricas. Poderia isso ser o prelúdio de uma ofensiva de primavera? Não sabemos ao certo, mas não descartamos essa possibilidade. Como podemos observar, outra grande batalha está em curso no sudeste da Ucrânia. Se nos posicionarmos um pouco a leste e depois ao sul de Zaporizhzhia, veremos uma grande concentração das tropas ucranianas remanescentes sendo gradualmente cercada, e esse cerco está se fechando rapidamente. Elas estão sendo praticamente aniquiladas com armas de precisão, mas eventualmente os russos as derrotarão. Parece ser, pelo menos no sudeste, talvez o último bastião da resistência ucraniana.

Segundo o coronel (EUA) Douglas Macgregor: “*Na linha de frente, vemos muito interesse em duas coisas neste momento. Uma delas é Odessa. As forças especiais russas já estão patrulhando Odessa à noite. Odessa é mal defendida; a maior parte de sua capacidade de defesa aérea foi eliminada. Portanto, acho que Moscou tem a responsabilidade de decidir o que fazer a seguir. Isso envolverá grandes operações que podem facilmente afetar Odessa. Ao mesmo tempo, eles estão fechando a estrada para Kharkov todos os dias. Ora, nada disso, na minha opinião, resolve o problema fundamental, que é Kiev. Enquanto o governo Zelensky existir, haverá uma fachada. Há a impressão de que algo importante está acontecendo em Kiev, e isso é tudo o que os europeus têm no momento. Os europeus estão interessados principalmente em manter essa fachada.*”

Macgregor continua: “*E, infelizmente, embora o presidente Trump diga que já não está realmente interessado e que está irritado com Zelensky e os outros, ainda estamos enviando dinheiro e equipamentos para os ucranianos, o que, acredito, é uma fonte interminável de frustração para o presidente Putin. Então... bem, não sei que direção os russos querem tomar, mas eles também aumentaram o tamanho de suas forças; recrutaram mais reservistas e estão treinando soldados que foram convocados para o serviço militar obrigatório. Portanto, acho que as opções são óbvias: as três que mencionei: Odessa, Kharkov e Kiev. Acho que, mais uma vez, o presidente Putin está observando atentamente o que está acontecendo politicamente na Europa Ocidental. Mas, por algum motivo, Starmer, Scholz ou Macron ainda estão lá.*”

## STATUS DAS NEGOCIAÇÕES

**Status das negociações.** De acordo com os relatórios analisados, estimamos que os americanos estejam exigindo um acordo de paz até junho, no máximo, o que exerce enorme pressão sobre a Ucrânia.

O presidente Volodymyr Zelensky e outros funcionários estão reclamando que os Estados Unidos estão reduzindo o fornecimento de mísseis antiaéreos. No mês passado, a escassez de mísseis interceptores Patriot foi tão grave que muitos lançadores ficaram vazios, justamente no momento em que as usinas nucleares foram atacadas.

Os russos querem obter a máxima vantagem militar antes de um acordo de paz ou cessar-fogo. Da perspectiva russa, o mínimo seria a ocupação de toda a região de Donbass e, provavelmente, um avanço também em Zaporizhzhia.

## PROVÁVEL EVOLUÇÃO DAS NEGOCIAÇÕES

Retomando J. Mearsheimer: “*Não há razão para acreditar que estas negociações produzirão uma paz verdadeira. Se analisarmos as exigências da Rússia, que foram claramente declaradas diversas vezes, veremos que são basicamente inegociáveis. E se analisarmos as posições europeias e ucranianas, elas são diametralmente opostas; não há terreno comum. Não vejo como um acordo possa ser alcançado. Por exemplo, os europeus e os ucranianos ainda querem que a Ucrânia tenha uma garantia de segurança, o que é inaceitável para a Rússia porque é apenas mais uma maneira de inserir a Ucrânia na OTAN pela porta dos fundos. Quanto ao território, a Rússia deixou claro que quer os quatro oblasts que anexou, enquanto a Ucrânia e a Europa nem sequer aceitam abrir mão do controle total de Donbass. Mesmo no tamanho do Exército ucraniano, eles estão a anos-luz de distância. Os europeus falam de um exército entre 600.000 e 800.000 homens, enquanto nas negociações de Istambul em 2022, os russos insistiram em cerca de 85.000 soldados. Toda essa conversa sobre um acordo significativo é, como eu gosto de dizer, uma grande encenação; não há nada de real nisso. Não haverá cessar-fogo. Putin deixou claro para Trump que a questão do cessar-fogo não está em discussão; esta guerra será decidida de uma forma ou de outra no campo de batalha.*”

## CONCLUSÃO APÓS QUATRO ANOS

Não há dúvida de que a entrada da Ucrânia na OTAN inevitavelmente causaria grandes problemas. Uma crise eclodiu em 2014 e, oito anos depois, em 2022, começou uma guerra que ainda está em curso. De fato, este conflito já dura mais tempo do que a guerra entre a Alemanha nazista e a União Soviética na Segunda Guerra Mundial, o que é notável. O resultado é que as relações entre a Rússia e a Europa foram envenenadas e não há sinais de que irão melhorar em breve. Isso é desastroso para os europeus, porque a Rússia não representa uma ameaça séria.

Para concluir, é interessante destacar este trecho de uma entrevista que Glenn Diesen fez com John Mearsheimer: “*A Ucrânia não sairá vitoriosa disso de forma alguma; ela perde em quase todos os níveis. É por isso que pessoas como você e eu (Glenn e John) argumentamos que esta guerra deveria ter sido resolvida há muito tempo. Os ucranianos nunca deveriam ter abandonado o processo de negociação em Istambul na primavera de 2022. Permanecer na luta nunca foi uma estratégia inteligente para eles. Quando tudo isso terminar, a questão de quem é o culpado virá à tona. A elite ocidental dirá que foram os russos por serem imperialistas, mas sabemos que isso é em grande parte resultado da expansão da OTAN e que o Ocidente é o principal responsável.*”

**Glenn Diesen:** “Mesmo no cenário irrealista de que a Ucrânia ‘vencesse’, quem restaria lá para desfrutar da vitória com esse colapso demográfico? O mais triste é que Zelensky pressentiu as consequências. Em março de 2022, ele disse em uma entrevista à revista *The Economist* que havia países no Ocidente que não queriam um acordo, mas sim uma ‘guerra longa’ para enfraquecer os russos, mesmo que isso significasse a destruição da Ucrânia. É uma tragédia que tenhamos trilhado esse caminho por quatro anos. Acho que a guerra terminará em Odessa; se os russos conseguirem isolar a Ucrânia, não só a enfraquecerão como uma ameaça futura, mas a Ucrânia perderá seu ‘valor de mercado’ para a OTAN como ferramenta para expulsar a Rússia do Mar Negro.”

**John Mearsheimer:** “Um último ponto sobre Zelensky. Antes do início da guerra em 24 de fevereiro, os americanos diziam constantemente que a guerra era iminente, e Zelensky pedia que parasse, pois isso a provocaria. Ele não tinha interesse em entrar em guerra com a Rússia e chegou a enviar negociadores a Istambul. Mas então ele cometeu um erro fatal: aliou-se aos americanos e britânicos, abandonou as negociações e comprometeu-se com uma longa guerra que acreditou poder vencer. Ele acreditou na retórica ocidental de que sucessos iniciais, aliados a sanções, acabariam com os russos. No final de 2022, achavam-se em ótima situação e planejaram a ofensiva de junho de 2023 como uma grande ‘blitzkrieg’.”

Ao abandonar Istambul, Zelensky, sem saber, juntou-se ao lado perdedor. O general Mark Milley (EUA) estava certo no outono de 2022 quando disse que era hora de negociar, pois aquele era o auge da situação na Ucrânia, mas ninguém quis ouvi-lo, incluindo Zelensky. O resultado final é que os historiadores o verão (Zelensky) como alguém que desempenhou um papel fundamental na destruição de seu próprio país.

*Publicado no [La Prensa](#).*

---

\***Gabriel Camilli** é coronel major da reserva do Exército Argentino, formado Oficial de Infantaria pelo Colégio Militar de La Nación. Além de mestre em Assuntos Militares pela Universidade do Norte, possui licenciatura em Relações Públicas e Institucionais pela UADE. Fluente em inglês e italiano e com boa comunicação em alemão, possui ampla experiência, tendo participado ativamente em mediações e negociações no âmbito da ONU, além de atuar como representante da Argentina junto a missões diplomáticas e negociações entre empresas alemãs, suecas e austriacas. Atualmente é diretor do Instituto ELEVAN.

---